

Ulysses põe fé na versão de Renault

O presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, confirmou ontem ter sido procurado pelo médico Renault Mattos Ribeiro, dois dias antes da primeira operação do presidente Tancredo Neves, para informar-lhe sobre a doença do Presidente eleito.

Naquela quarta-feira de manhã, dia 13, a dois dias da posse, Ulysses contou que o Dr. Renault lhe trouxe a suspeita de que o Presidente estivesse em processo de apendicite tratado excepcionalmente à base de antibióticos.

Tomado de surpresa, o Presidente da Câmara passou a atuar junto ao próprio Tancredo, que se recusava terminantemente a ser operado, até que chegou um momento em que o processo atingiu tal gravidade que a cirurgia se tornou inevitável.

Na noite do dia 14, Ulysses foi chamado pela família à Granja do Ricahó Fundo e teve uma conversa difícil, "muito emocional", como ele próprio define, com Tancredo, que resultou no imediato transporte do Presidente para o Hospital de Base de Brasília.

SEMIMORTO

O médico Renault Ribeiro e seu companheiro Pinheiro da Rocha que viriam a comandar a primeira cirurgia, recolheram-se ao silêncio, desde que uma polêmica com a equipe do Dr. Walter Pinotti, que avocou o tratamento do Presidente. Eles têm confessado a amigos que Tancredo estava semimorto quando ingressou no Hospital de Base, por volta das 22 horas do dia 14.

Eles se consideram muito tranquilos a este respeito, porque alegam ter informado detalhadamente à família e especialmente ao deputado Ulysses Guimarães, a que estão subordinados funcionalmente como médicos-funcionários da Câmara, sobre a seriedade que envolvia o estado do Presidente.

Quanto às versões difundidas, por eles próprios de que Tancredo sofria de apendicite e, em seguida, de que foi operado de um "Diverticulite de Meckel", argumentam que estavam "subordinados a interesses do Estado".

Renault e Pinheiro dizem ter recebido instruções expressas e terminantes de que deveriam "dourar a pilula" nas informações à imprensa sobre o real estado de saúde e as condições pós-operatórias do Presidente.

Sem mencionar a origem de tais ordens, os médicos, que só admitem dar essas informações a amigos muito íntimos, alegando ética médica, contam que havia uma preocupação de evitar um golpe de Estado que compromettesse, inicialmente, a posse do vice-presidente José Sarney e, depois, a permanência deste na Presidência da República.

Eles dizem compreender a complexidade da transição política, cuja efetivação poderia ficar comprometida com a ausência de seu principal mentor, o presidente Tancredo Neves, cuja vida lhes cabia justamente prolongar.

E foi justamente o Presidente que quem mais doutrinou o Dr. Renault Mattos Ribeiro, seu médico pessoal em Brasília, sobre este perigo para a democracia, atenuando a intenção do profissional em levá-lo imediatamente para a mesa de operação.

Já o Dr. Francisco Pinheiro da Rocha, que só intercedeu no dia 14, quando o Presidente já apresentava sintomas evidentes de sua gravidade, demonstrados inclusive por exames laboratoriais, foi categórico para com a família de Tancredo e para com o deputado Ulysses Guimarães, "Se ele não sair daqui agora para o hospital, ele não passa desta noite".

A esta altura, Tancredo estava extremamente debilitado e já não tinha quase argumentos para defender a protelação de sua operação para sábado, dia 16, um dia depois da posse, ou na tarde do dia 15, quando já tivesse tomado as rédeas do Governo e empossado o Ministério.

Pouco depois, quando Tancredo dava entrada no Hospital de Base, o Presidente, segundo a opinião atribuída ao Dr. Pinheiro da Rocha, experimentaria uma tal deterioração em seu estado que se temeu pela sua morte na mesa de operação.

— Quando entrei com ele na sala de operação, o homem estava semimorto — teria dito o Dr. Pinheiro a amigos pessoais na Câmara dos Deputados, onde dá expediente diariamente no Serviço Médico.

DIVERTICULITE

Os médicos dizem que, seguindo a determinação de dourar a realidade, sem negá-la totalmente, o que lhe exigia um penoso contorcionismo verbal, acabaram escolhendo a "Diverticulite de Meckel", que é descrita em qualquer manual médico como um tumor, mas de efeito atenuador, sobretudo quando se trata de opinião pública.

— Falar em tumor naquela hora parecia extremamente perigoso para a Nova República — alegam os médicos, porque a idéia de câncer seria inevitavelmente associada pela população, provocando tumulto e um pânico a que o novo Governo poderia sucumbir, sobretudo tendo em vista a uma eventual resistência dos militares em ceder o poder.

Os médicos finalmente se estribam em documentação que comprovam a existência da enfermidade do Presidente, como aquela dos filmes exibidos recentemente pelo jornalista Alexandre Garcia, da TV Manchete, mostrando cenas de movimentações de Tancredo, alguns dias antes da operação.

Essas cenas mostram um Tancredo cansado, procurando apoio para andar, saindo com dificuldade do carro, e, em alguns casos, sendo ajudado para caminhar, em cenas que lembram de certa forma a situação do ex-presidente Constantin Chernenco, da União Soviética.